

## RUBEM BRAGA

## Uma Comissão

AS eleições e depois o impacto dos conflitos do Egito e da Hungria me impediram de mandar de Nova York algumas notas sobre duas importantes reuniões de que participaram os representantes brasileiros na ONU.

Falarei aqui de uma: a Comissão Científica Sobre os Efeitos da Radiação Atômica, composta dos seguintes membros: Argentina, Austrália, Bélgica, Brasil, Canadá, Tchecoslováquia, Egito, França, Índia, Japão, México, Suécia, União Soviética, Reino Unido e Estados Unidos. Essa Comissão reuniu-se pela primeira vez em março de 1956 e pela segunda vez de 21 de outubro a 2 de novembro último. Foi eleito presidente o sr. Eddy, da Austrália; com seu falecimento foi eleito por unanimidade o então vice-presidente professor Carlos Chagas, do Brasil. Compunham ainda a delegação brasileira o padre Francisco Xavier Roser, que apresentou um estudo sobre as radiações naturais de Guarapari, Poços de Caldas, Araxá e São João d'El Rei; o professor Clodoaldo Pavan, que levou um trabalho sobre a influência da radiação sobre a genética, o dr. Néelson Libânio, que fez parte do grupo de radiologistas.

Como assessor político e diplomático funcionou o conselheiro Donatelo Grieco, um dos jovens mais eficientes e organizados de nossa diplomacia.

A importância dessa Comissão é muito grande. Na realidade ela enfrenta o mais grave problema deste momento no mundo: determinar os efeitos da energia atômica sobre a raça humana e os meios de defendê-la de seus danos. Não só pelo fato de presidir a Comissão, o Brasil fez boa figura. A Comissão voltará a reunir-se no próximo ano e só lá pelo fim de 1957 apresentará suas conclusões finais. As conclusões a que já chegou na última reunião são, entretanto, bastante inquietantes.

Elas já justificariam de sobra uma providência de nosso governo no sentido de incrementar os estudos brasileiros sobre o assunto, tanto através de cursos aqui como de bolsas para a Europa e os Estados Unidos. Como todo o mundo, o Brasil já está sofrendo os efeitos da precipitação dos resíduos radioativos — principalmente o estrôncio 90 — que as explosões termonucleares deixam na estratosfera terrestre. É mesmo possível afirmar que de um modo geral os brasileiros já estão «comendo» ou «bebendo» estrôncio 90 nos vegetais ou no leite. Os efeitos perniciosos, se os há não são sensíveis; Parece que na quantidade atual eles não existem. Esta é linguagem cautelosa da Comissão: «A Comissão não está seriamente preocupada com o que se verificou a propósito das consequências genéticas dos níveis atuais do «fall-out» radioativo, embora note que, recentemente, em certas regiões tenha havido abruptos aumentos do «fall-out» e que futuros aumentos substanciais possam modificar esta situação. Além disso não desconhece a lentidão de qualquer deterioração apreciável da genética humana».

A Comissão recomenda, recomendação que deixamos aqui ao presidente Juscelino — que «o maior número possível de estudantes de ciência e medicina estude a genética e a biologia da radiação».

Outro trecho: «Enquanto alguns problemas básicos relativos à absorção do estrôncio 90 em produtos alimentícios permanecerem sem solução é possível que perigos radiológicos possam resultar para o homem do «fall-out» de estrôncio em áreas onde o conteúdo de estrôncio natural ou cálcio no solo é muito baixo». Creio bem que é o caso de grandes áreas do Brasil.

Como se vê a Comissão tratou de coisas sérias, coisas que podem afetar a cada um de nós e a nós todos e nossos descendentes. É preciso que o bom trabalho de nossos delegados seja seguido, daqui até a outra reunião, de amplos estudos em nosso país e do preparo de novas equipes capazes de fazer esses estudos. O presidente Juscelino é médico e não é alheio a esses problemas. Esperemos que ele tire algum tempo de suas complicações políticas para agir com decisão nesse terreno, para que o Brasil ajude a si mesmo e o resto do mundo a conjurar tanto quando ainda possível os malefícios produzidos pela energia atômica.